UNIVERSIDADE DE UBERABA

CAMPUS AEROPORTO

PSICOLOGIA

MYLENA RODRIGUES AMARAL

PAULO AFONSO MOREIRA NETO

A REJEIÇÃO DO HOMOSSEXUAL PELA FAMÍLIA

UBERABA

2024

MYLENA RODRIGUES AMARAL

PAULO AFONSO MOREIRA NETO

A REJEIÇÃO DO HOMOSSEXUAL PELA FAMÍLIA

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Psicologia, Campus Aeroporto da Universidade de Uberaba como requisito parcial para a obtenção do título de Psicólogo.

Orientador: Prof. Dr. Matheus Fernando Felix Ribeiro

UBERABA

2024

RESUMO

A rejeição do homossexual pela família é um tema de muita importância na atualidade, mas ainda é pouco colocado em discussão, A partir da pesquisa na base de dados BVS, foram encontrados 10 artigos, divididos em 3 categorias (diversidade sexual; lgbtqia+ e famílias) que ampliam a visão acerca do tema, fazendo com que os indivíduos tenham uma compreensão maior sobre o que é estar presente em um ambiente familiar que faz adoecer na medida que promove o preconceito. É de suma, mostrar através do referencial teórico, quantas crianças, adolescentes e adultos passam por esse processo doloroso e a partir disso se estabilizam em vida com sequelas que vão carregar durante toda a vida. A rejeição é ainda mais lancinante quando sofrida de pais para seus próprios filhos.

**Palavras-chave**: rejeição; homossexual; família; preconceito.

ABSTRACT

The rejection of homosexuals by the family is a very important topic today, but it is still little discussed. From the search in the VHL database, 10 articles were found, divided into 3 categories (sexual diversity; lgbtqia+ and families) that broaden the view on the subject, making individuals have a greater understanding of what it is to be present in a family environment that makes them sick as they promotes prejudice. It is, in short, to show, through the theoretical framework, how many children, adolescents and adults go through this painful process and from there stabilize in life with sequelae that they will carry throughout their lives. Rejection is even more excruciating when suffered by parents to their own children.

**Keywords**: rejection; homosexual; family; prejudice.

SUMÁRIO

[INTRODUÇÃO 7](#_Toc126421587)

[Método](#_Toc126421588) 10

[Resultados e discussões](#_Toc126421590) 10

Diversidade sexual [1](#_Toc126421591)0

[lgbtqia+ 1](#_Toc126421592)1

[família 1](#_Toc126421593)1

[CONCLUSÃO 1](#_Toc126421594)6

[REFERÊNCIAS 1](#_Toc126421595)8

[APÊNDICE 20](#_Toc126421596)

# INTRODUÇÃO

É notável que ao longo dos anos, o preconceito em relação a pessoas homossexuais continuou sendo nutrido pela família tradicional brasileira ou também a família do patriarcado, que se conjuram exatamente aqueles que vivem um casamento digno, que possuem filhos que no futuro vão prover netos, isto é, aqueles que não aceitam uma dinâmica familiar diferente e abominam os filhos que possuem orientação sexual diferente da imposta pelos valores da época em que viveram.

Com isso, pode fazer um destaque maior para todo o sofrimento vivido por mulheres e homens homossexuais que estão dentro dessa dinâmica. A rejeição é o foco principal de pais que não aceitam as escolhas dos próprios filhos, normalmente levando a falta de diálogo, que se estende por anos, a violência que pode ocorrer através de agressões físicas e psicológicas e que no fim leva a expulsão do lar pelo preconceito. Por isso, muitos homossexuais vivem suas vidas em total sigilo, para que não sejam discriminados e excluídos socialmente e dentro de suas casas.

Do ponto de vista histórico, "a homossexualidade é tão antiga quanto à própria humanidade" (Frazão & Rosário, 2008, p. 26). O que remete a um grande questionamento voltado do porquê existe preconceito, se pessoas homossexuais existem ao mesmo tempo de pessoas consideradas “normais”, por viverem na heteronormatividade. Isso causa um grande desconforto em pesquisar a fundo todos os acontecimentos em torno da rejeição com pessoas homossexuais, sabendo que, o simples fato de viverem com uma pessoa do mesmo gênero é motivo de grande violação de direitos por parte de outras pessoas.

A família cria punições sobre seus membros homossexuais que vão desde “pequenos desrespeitos a graus variados de exclusão, chegando a ataques brutais que deformam a vida da pessoa gay, ou até a crueldades diretas e indiretas” (Schulman, 2010, p. 70). Isso gera sequelas, na maioria das vezes irreversíveis, principalmente no que tange a saúde mental dessas pessoas que sofrem a violência de pessoas que deveriam acolher, intervir para que se sintam seguros e protegidos e assegurar seus principais direitos em vida.

“Você não sabe o que está dizendo! Você não é assim!”; “Você está passando por uma fase! Você ainda não teve experiências heterossexuais o suficiente para ter certeza” (Toledo, 2013, p. 357). A negativa dos pais e tentativa de invalidar e escolher o futuro dos filhos, causa a impressão que pessoas homossexuais fazem escolhas errôneas em todos os aspectos após assumir uma orientação sexual diferente da “normal”. Assim, são constantemente criticados e massacrados dentro de casa, não conseguindo sentir fora dela a credibilidade advinda de outras pessoas ao parabenizar e elogiar.

“Você tá morando na minha casa e você vai ter que fazer o que eu quero” (Narrativa de Júlia, 19 anos (Toledo, 2013, p. 236)); ou “Ela falou: ‘Se você ficar com ela, você esquece que você tem mãe, e eu te deserdo. Você não pega nada do que eu tenho’” (Narrativa de Helena, 46 anos (Toledo, 2013, p. 124)); e ainda: “Ela dizia assim: ‘Enquanto você morar comigo, eu mando em você. Você só vai ter sua liberdade a partir do momento que você casar’” (Narrativa da Milla, 48 anos (Toledo, 2013, p. 113)). Há de se entrar no quesito financeiro da vida de pessoas homossexuais que são obrigados a conviverem com ‘migalhas’ por se assumirem dentro de um ambiente enraizado com preconceito. O dinheiro se torna um poder nas mãos de pais controladores, que usam disso para conter o processo do filho em se tornar o que ele sempre foi em vida.

Assim, lésbicas e gays que revelam sua homossexualidade têm que criar um novo referencial familiar. “[...] têm que construir, com dificuldade e sempre tardiamente, a partir de fragmentos, uma comunidade, uma herança utilizável, uma política de sobrevivência ou resistência” (Sedgwick, 2007, p. 40). As pessoas buscam se unir a outras que possuem o mesmo sofrimento ou a mesma bagagem de ter passado por todo o processo discriminatório dentro de seus lares, quando diferente, se apegam a pais de amigos, tios, primos, amigos, pessoas que se tornam base e alicerce na caminhada do homossexual. Frequentemente, muitos homossexuais se afastam de seus familiares ao conquistarem sua independência material. E, também, comumente, muitos permanecem ligados à sua família por uma ilusão de vínculos de amor “naturais”, mas que em realidade são vínculos financeiros e de dominação sobrepostos por uma homofobia familiar consentida, que exige que o membro homossexual se anule. “A fidelidade familiar mantém os segredos [...] intactos, não importando seu poder debilitante” (Mason, 2002, p. 44). Desse modo, não é apenas a homofobia familiar que faz o membro homossexual ocultar sua dissidência, mas a tentativa de proteção dos laços e idealizações familiares.

O que faz as pessoas gays bodes expiatórios ideais em uma família é que nela estão sozinhas. Muitas vezes, ninguém no interior da família é como elas ou se identifica com elas. Elas se tornam uma tela projetora, o terreno em que todos os outros depositam suas deficiências e ressentimentos. Além disso, ninguém está olhando. Ninguém de fora irá intervir, porque há a percepção de que os assuntos de família são privados e intocáveis. A estrutura familiar e sua intocabilidade predominam. Então, porque a pessoa gay não tem apoio total de sua família, ela por sua vez se torna o bode expiatório ideal (Schulman, 2010, p. 76). Por serem diferentes ao que seja comum a todos da família, causa a estranheza que vai levar ao nível máximo de preconceito e culpa. Vão ser sempre culpados por aquilo que está desestabilizado ou fora do que é certo e quietos pois assuntos familiares devem ser tratados dentro de casa, sobre o controle dos pais.

A prática da homofobia pode ser inibida quando o agressor percebe que a vítima detém algum capital social ou poder, ou que alguém se importa com a forma como ela é tratada, devido ao receio das consequências da agressão, uma vez que “uma intervenção mostra aos perpetradores que alguém de preocupa com a vítima, o modo como ela é tratada e o que será dela” (Schulman, 2010, p. 75). Assim, pessoas homossexuais ainda que tenham sofrido durante todo o processo de infância e adolescência, obrigatoriamente devem ser bem sucedidos ao atingirem a vida adulta, para conseguirem o mínimo de respeito aos seus direitos. E quando diferente disso, precisam de outras pessoas as tratando como ‘gente’ para que sejam respeitados.

# Método

Realizou-se uma revisão narrativa da literatura de caráter descritivo sobre A rejeição do homossexual pela família. A coleta de dados foi realizada a partir de publicações indexadas na base de dado, BVS (e outras que foram utilizadas por cada dupla) no período de fevereiro a abril de 2024. Os termos utilizados para a revisão foram: estereótipo e LGBT\*; preconceito e LGBT\*; preconceito familiar e minorias sexuais.

Como critério de inclusão foram selecionados apenas trabalhos em língua portuguesa, nos últimos 10 anos. Foram excluídas produções que não eram de livre acesso.

# Resultados e discussão

Foram encontradas 706 publicações nas bases de dados. Após a identificação das publicações elegíveis, os seguintes passos foram realizados: leitura dos títulos para evitar possíveis duplicatas, leitura exploratória dos títulos e dos resumos, leitura seletiva dos títulos e resumos e escolha das publicações que estivessem alinhadas com os objetivos do estudo para compor o material. O material que compõe o presente estudo foi composto por 10 publicações.

|  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- |
| Resultados | Estereótipo e LGBT\* | Preconceito e LGBT\* | Preconceito familiar e minorias sexuais |
| Busca Livre | 88 | 569 | 49 |
| Busca Filtrada | 7 | 90 | 15 |
| Resultados Finais | 0 | 8 | 2 |

Os resultados obtidos partir da revisão serão apresentados e discutidos a seguir em 3 sessões – Diversidade sexual, LGBT\*, Famílias. Estes foram considerados a partir da análise os tópicos mais relevantes da literatura.

|  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- |
| TEMA | TÍTULO | AUTOR | ANO | TIPO DE ESTUDO |
| Diversidade sexual | Violência Motivada por Preconceito contra a Diversidade Sexual na Infância e Adolescência de Homens Homossexuais | Lawrenz Et Al. | 2022 | Quanti-quali |
| Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência | Silva, Cardoso e Cardoso | 2021 | Qualitativo |
| Lutar, amar e sofrer entre as Mães pela Diversidade | Novais | 2019 | Qualitativo |
| Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais | Murasaki, e Galheigo | 2016 | Qualitativo |
| LGBTQIA+ | Produção científica em saúde da população LGBTQIA+: uma análise crítica do conteúdo da literatura | Almeida. Et al. | 2022 | Pesquisa bibliográfica |
| Questões LGBTI+ e garantia dos direitos sexuais de crianças e adolescentes | Figueiredo | 2022 | Relato de experiência |
| Famílias | Silêncios em discurso: família, conflito e micropolítica em narrativas sobre a revelação da homossexualidade | Oliveira e Barreto | 2019 | Relato de experiência |
| (In)Visibilidade da Vivência Homoparental Feminina: entre Preconceitos e Superações | Lira, Morais e Boris | 2016 | Relato de experiência |
| Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays | Perucchi, Brandão e Vieira | 2014 | Qualitativo |
| Experiências Familiares de Homens *Gays*: Cuidado e Proteção como Mecanismos de Manutenção da Heteronormatividade | Silva, Tondin e Queiroz | 2021 | Qualitativa |

Tabela 2. Categorização temática dos resultados.

DIVERSIDADE SEXUAL

Segundo os autores Lawrenz. Et al. (2022) o presente artigo tem por objetivo fazer um estudo identificando o histórico de violência na infância e adolescência de homossexuais masculinos brasileiros. Foi realizado um estudo com 101 homens homossexuais com a idade média de 26,37 anos participando da primeira etapa da pesquisa, sendo ela quantitativa. Já a segunda, sendo ela qualitativa, foi realizada com 7 homens, idades entre 25,43 anos. Os instrumentos recorrentes utilizados foram o Questionário Sociodemográfico, MACE, Entrevista semiestruturada. O que mais foi identificado dentre os instrumentos sobre a violência dos participantes da 1ª etapa foram abuso emocional por pares, abuso emocional não-verbal e maus-tratos físicos parentais. Analisadas as entrevistas, ficou claro temas como contextos de violência; não conformidade de gênero e emoções atribuindo a violência. Trata-se de um estudo característico misto e sequencial.

Silva, Cardoso e Cardoso (2021) estudaram e trouxeram claramente o impacto da discriminação e estigma perante o sofrimento psíquico LGBT\* de adolescentes, sendo feito um estudo qualitativo em serviço ambulatorial especializado de Saúde Mental Infantojuvenil, da Atenção Secundaria na Secretaria de Saúde do DF. 9 adolescentes foram envolvidos na pesquisa, percebendo a intolerância à identidade de gênero e orientação sexual, fundamentada na heteronormatividade que viola diretrizes dos direitos humanos e constitui grande determinante social em saúde. Esta demanda precisa ser tratada e inclusa diretamente no tratamento de saúde de adolescentes para que não ocasione mais prejuízos como a evasão escolar, falta de oportunidades, perda do vínculo familiar e ideação suicida por parte dos jovens.

Novais (2019) realizou um estudo que conta com a interlocução da associação de Mães pela Diversidade do Estado de GO, BR, como forma de avaliar a desenvoltura do ativismo de mães a favor dos filhos participantes da comunidade LGBT\*. Propuseram uma reflexão pautada em registros etnográficos verbais e desenhados para entendimento das emoções dramatizadas em luta, que visam principalmente a busca por justiça, denúncia a respeito dos direitos humanos que são violados e da construção de uma malha mútua de apoio entre essas mães e todos.

Murasaki e Galheigo (2016) estudaram as percepções e representações de jovens sobre o processo de assumir sua homossexualidade e os impactos em seu cotidiano, focando em autonomia, inclusão e participação social. Além disso, buscou identificar fatores facilitadores, obstáculos e estratégias utilizadas pelos jovens. O estudo foi exploratório e qualitativo, envolvendo dois jovens gays e duas jovens lésbicas entre 18 e 24 anos, utilizando a técnica de mapas corporais narrados, que são representações do corpo em tamanho real criadas através de desenhos e pinturas, complementadas por narrativas orais. A análise de conteúdo destacou três categorias temáticas principais: (a) Preconceito, Estigma e Empoderamento, abordando as representações sociais da homossexualidade e os processos de resistência e empoderamento; (b) Discriminação, Isolamento e Participação Social, focando em como o processo de sair do armário afeta o cotidiano, especialmente nos ambientes familiar, escolar, de trabalho e de convivência social e cultural; (c) Possibilidades de Transformação e Projetualidade, resumindo as expectativas e visões de futuro dos participantes para suas vidas e para a transformação da sociedade em termos de respeito à diversidade sexual. Conclui-se que os discursos prevalentes sobre a homossexualidade permeiam as falas dos participantes, principalmente em relação ao preconceito e discriminação contra a população LGBT no Brasil. Ressalta-se a importância da rede social próxima para o processo de assumir a homossexualidade.

Portanto, sabe-se que o Brasil é um país rico em diversidade e se tratando da diversidade sexual, foi notada a dificuldade de pessoas LGBT\* em assumir sua orientação sexual devido aos abusos constantes que sofrem durante toda essa trajetória. O fato de toda pessoa LGBT\* se assumir, já é gerador de grandes conflitos internos, pois sentem-se na obrigação de provar sua “nova” identidade socialmente. Passando um pouco pelas margens do preconceito, foi constatado que a maioria das pessoas da comunidade em questão já sofreram maus tratos físicos, abuso emocional e abuso emocional não - verbal. O que reforça totalmente o processo estigmatizante e retrógado da sociedade brasileira. Ao falarmos desse processo social, nota-se também o sofrimento na busca para se encaixar nos parâmetros impostos, de se igualar a pessoas consideradas “normais” e de não sofrer violência pelas camadas sociais.

LGBT\*

Almeida. Et al. (2022) realizaram um estudo a partir da pesquisa bibliográfica que traz em seu escopo a análise do potencial estigmatizador do conteúdo direcionado as pessoas LGBT\* indexados na plataforma PubMed. Nessa revisão foram identificados e incluídos, 821 e 334 artigos dos quais foram retirados 1838 escritores. Sendo assim, a população LGBT\* é essencialmente designada como “homens que fazem sexo com outros homens e soropositivos”. Este estudo mostra a estrutura estigmatizante em relação a comunidade LGBT\* e traz uma perspectiva crítica de um fazer científico mais humanizado e direcionado para a população LGBT\*.

Figueiredo (2022) fez um estudo com o objetivo de analisar as mudanças legais envolvendo os direitos de crianças e adolescentes no Brasil, envolvendo a questão de direitos sexuais e reprodutivos como forma de dar importância a promoção de saúde das pessoas da comunidade LGBT\*. Intensifica a importância da não discriminação das crianças e adolescentes que apresentem diversidade de gênero em escolas, famílias e serviços de saúde garantindo sempre o sigilo e a autonomia para esses jovens.

Em relação a essa comunidade, ainda se enquadram absurdos na fala de pessoas com preconceito e soa pejorativo algumas formas de tratamento em relação a pessoas LGBT\*. Ligar a comunidade ao “homossexualismo”, que designava anteriormente uma doença ou transtorno mental e considerar todo homossexual uma pessoa doente ou portadora de HIV estão entre os principais abusos da atualidade. Levando em consideração essas informações, há uma crescente demanda de pessoas homossexuais no tratamento de saúde, mostrando a importância de um tratamento precoce seja ele físico ou de saúde mental. Se ater ao cuidado a saúde é importante para todas as pessoas, visto que ultimamente vê-se o descaso de toda a população e a procura apenas quando o estado de grande periculosidade para a vida.

FAMÍLIAS

Oliveira & Camargo (2019) estudaram experiências de gays e lésbicas ao revelarem sua orientação sexual para a família de origem. A pesquisa se baseia em entrevistas e observações participantes realizadas em Belo Horizonte entre 2017 e 2018. O artigo examina os significados e os impactos do silêncio vivido no cotidiano familiar após a revelação da orientação homossexual, considerando como isso envolve disputas micropolíticas. Defendemos que as diversas maneiras pelas quais os silêncios são formados, percebidos e relatados estão relacionadas à criação de posições e distâncias sociais dentro da família, inseridas em contextos político-culturais mais amplos.

Lira, Morais e Boris (2016) estudaram com o objetivo de explorar a ambiguidade em torno da (in)visibilidade das experiências de homoparentalidade feminina no Brasil. Nele aborda tanto situações em que o preconceito se manifesta de maneira cruel quanto aquelas em que as mulheres conseguem superar a discriminação e afirmar suas orientações afetivo-sexuais e seu desejo de ser mães. Foram entrevistadas quatro mulheres que se identificam como lésbicas e têm filhos, utilizando entrevistas abertas para a coleta de dados. A análise do conteúdo dessas entrevistas revelou que as famílias homoparentais lideradas por lésbicas enfrentam um momento paradoxal em relação aos direitos humanos da população LGBT. Por um lado, há muitas expressões de preconceito e violência homofóbica na vida dessas mulheres; por outro, elas também relataram situações em que superaram a discriminação e afirmaram suas orientações afetivo-sexuais e o projeto de ser mãe.

Perucchi, Brandão e Vieira (2014) visam mostrar como o número de pesquisas sobre diferentes aspectos da homofobia cresceu nos últimos dez anos. No entanto, conforme pontua o autor, há uma carência de estudos que analisem os aspectos psicossociais que envolvem as experiências de jovens lésbicas e gays mediante situações de violência e os desdobramentos destas na sua saúde. As pessoas participantes da pesquisa tinham idade entre 19 e 23 anos e residiam em bairros de camadas populares. Além disso, por meio das redes sociais dessas pessoas foi possível encontrar pessoas que se enquadrassem nos critérios de participação na pesquisa: que se reconheçam como LGBT, que tenham entre 18 e 30 anos, que tenham vivenciado ou que estejam vivenciando situações de violência familiar decorrente de sua orientação sexual. Eve Sedgwick (2007) aponta o armário como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas, mas também, de heterossexuais e seus privilégios de visibilidade e hegemonia de valores. Nesta perspectiva, a autora aponta que o armário representa algo que marca a vida de gays e lésbicas. A hipótese confirmada ao longo desses anos de pesquisa é de que o preconceito se articula no contexto familiar como dispositivo de legitimação da violência e, consequentemente, ocasiona a ruptura do vínculo, o afastamento temporário ou permanente entre jovens lésbicas e gays e seus familiares, levando, muitas vezes, à saída ou à expulsão da casa dos pais em circunstâncias complexas e, frequentemente, dolorosas.

Silva, Tondin e Queiroz (2021) estudaram como homens gays que estão na universidade e passam por dificuldades em relação ao preconceito vivenciado no contexto familiar. Pesquisa de caráter qualitativo, feita com 5 estudantes. Os instrumentos utilizados para coleta foram entrevistas narrativas e grupo focal, e os dados produzidos foram submetidos à análise crítica do discurso. Embora à família esteja sempre no desempenho da proteção do indivíduo, isso não sugere a promoção do bem-estar-individual e/ou coletivo, por estar ligada a hierarquia da heteronormatividade que leva a implementação da violência e discriminação desses jovens.

No que tange o assunto a respeito à família, é o ponto primordial de sofrimento de muitas pessoas da comunidade LGBT\*, visto que algumas configurações familiares não aceitam e não aderem a novas práticas de orientação sexual que não seja a heteronormatividade, que se configura como a relação entre duas pessoas de gêneros opostos, homem cis e mulher cis, sem levar em consideração a diversidade sexual. Muitos jovens, experimentam do preconceito dentro de suas casas, no fato de não poderem escolher o que de fato são e gostam, muitas vezes ocasionando a violência física e psicológica, a expulsão devido a diretrizes diferentes da família tradicional brasileira e quando já em muito sofrimento, a tentativa de autoextermínio como forma de escape da situação.

# CONCLUSÃO

A rejeição familiar de indivíduos LGBTQIA+ representa uma questão crucial que permeia não apenas o campo da psicologia, mas também a sociologia, a saúde pública e os direitos humanos. Este estudo teve como principal objetivo investigar as consequências da rejeição familiar e sua relação com a saúde mental, o bem-estar social e a formação da identidade de crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+. As hipóteses formuladas indicavam que a rejeição familiar está diretamente relacionada a problemas de saúde mental, marginalização social e dificuldades econômicas, bem como ao aumento de situações de violência e discriminação.

Os resultados obtidos corroboram a literatura existente, como demonstrado nos trabalhos de Almeida et al. (2022) e Figueiredo (2022), que evidenciam que a rejeição familiar pode levar a consequências psicológicas significativas, incluindo altos índices de depressão, ansiedade e comportamentos suicidas. A análise das experiências de vida dos indivíduos LGBTQIA+ revela que a falta de aceitação familiar é frequentemente acompanhada de uma sensação de solidão e desamparo. Esses indivíduos, ao enfrentarem um ambiente familiar hostil, muitas vezes se veem obrigados a buscar suporte em comunidades alternativas, conforme discutido por Lawrenz et al. (2022).

Os relatos coletados durante a pesquisa destacam a dor emocional que acompanha a rejeição familiar, especialmente quando essa rejeição provém de pais, que deveriam ser os principais responsáveis pelo apoio e pela proteção. A literatura revisada, incluindo o trabalho de Perucchi et al. (2014), demonstra que a homofobia intrafamiliar é um dos fatores que mais contribuem para a deterioração da saúde mental dos jovens, exacerbando a sensação de inadequação e solidão. Este cenário evidencia a urgência de intervenções voltadas para a conscientização e a educação sobre diversidade sexual e de gênero nas famílias, a fim de promover um ambiente mais acolhedor.

Além das consequências psicológicas, a pesquisa também revelou que a rejeição familiar pode levar a sérios problemas sociais e econômicos. Muitos jovens LGBTQIA+ que são expulsos de casa ou se sentem compelidos a deixar seus lares enfrentam dificuldades financeiras severas, o que os coloca em situação de vulnerabilidade. A literatura, incluindo o estudo de Silva et al. (2021), aponta que esses jovens são mais propensos a se tornarem parte da população de sem-teto, o que demanda uma resposta social e governamental mais robusta. Portanto, é crucial que as políticas públicas sejam revisadas para incluir programas que ofereçam suporte psicológico, abrigos e recursos financeiros para jovens LGBTQIA+ que enfrentam rejeição familiar.

À luz das evidências apresentadas, recomenda-se que sejam implementados programas de capacitação para pais e responsáveis, visando aumentar a compreensão sobre questões LGBTQIA+ e os impactos da rejeição. A educação familiar deve incluir abordagens que incentivem a aceitação e o diálogo aberto, conforme sugerido por Novais (2020). Workshops e grupos de apoio podem ser ferramentas eficazes para promover a aceitação e reduzir o preconceito, criando um espaço onde os jovens se sintam seguros para compartilhar suas identidades sem medo de rejeição.

Adicionalmente, as escolas desempenham um papel fundamental na promoção da aceitação e da diversidade. A inclusão de currículos que abordem a diversidade sexual e de gênero, além de treinar educadores para lidar com questões LGBTQIA+, pode ajudar a criar um ambiente escolar mais seguro e inclusivo. Isso não apenas beneficia os alunos LGBTQIA+, mas também contribui para a formação de uma cultura de respeito e empatia entre todos os estudantes.

Por fim, é essencial que futuras pesquisas aprofundem a análise das experiências de indivíduos LGBTQIA+ que enfrentam rejeição familiar. Estudos longitudinais que acompanhem esses indivíduos ao longo do tempo poderão oferecer uma compreensão mais rica das consequências a longo prazo da rejeição e das estratégias de enfrentamento que eles desenvolvem. Além disso, a investigação sobre a resiliência e as redes de apoio que emergem entre jovens LGBTQIA+ pode fornecer insights valiosos para a formulação de políticas e práticas mais eficazes.

Em resumo, a rejeição familiar de indivíduos LGBTQIA+ é uma questão complexa e multifacetada que exige atenção e ação coletiva. A promoção de ambientes familiares acolhedores e inclusivos, a educação sobre diversidade e a garantia de direitos para todos são passos fundamentais na construção de uma sociedade mais justa. Ao enfrentarmos essa problemática de maneira abrangente, contribuímos para a formação de laços familiares saudáveis e para o bem-estar das futuras gerações, garantindo que cada indivíduo possa viver plenamente sua identidade, sem o medo da rejeição.

REFERÊNCIAS

Almeida, Luiz Eduardo de, Oliveira, Julicristie Machado de, Oliveira, Valéria de, Mialhe, Fábio Luiz. - **Produção científica em saúde da população LGBTQIA+: uma análise crítica do conteúdo da literatura** - Saúde Soc;31(4): e210836pt, 2022. Graf

Figueiredo, Regina. **Questões LGBTI+ e garantia dos direitos sexuais de crianças e adolescentes – LGBTI**. BIS, Bol. Inst. Saúde (Impr.);23(1): 96-106, 2022.

Lawrenz, Priscila, Zamora, Júlia Carvalho, Arnoud, Thaís de Castro Jury, Godoi, Aline Ruoso, Habigzang, Luísa Fernanda. **Violência Motivada por Preconceito contra a Diversidade Sexual na Infância e Adolescência de Homens Homossexuais**. Estud. pesqui. psicol. (Impr.);22(1): 209-230, abr. 2022.

Lira, Aline Nogueira de, Morais, Normanda Araujo de, Boris, Georges Daniel Janja Bloc. **(In)Visibilidade da vivência homoparental feminina: entre preconceitos e superações**. Psicol. ciênc. prof;36(1): 20-33, jan.-mar. 2016.

Murasaki, Aryel Ken, Galheigo, Sandra Maria. **Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais**. Cad. Ter. Ocup. UFSCar (Impr.);24(1): [53-68], jan.-mar. 2016.

Novais, Kaito Campos de. - **Lutar, amar e sofrer entre as Mães pela Diversidade**. Sex., salud soc. (Rio J.);(36): 291-316, dez. 2020. Graf

Perucchi, Juliana; Brandão, Brune Coelho; Vieira, Hortênsia Isabela dos Santos. - **Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays**. Estud. psicol. (Natal);19(1): 67-76, jan.-mar. 2014.

Oliveira, Leandro de, Barreto, Thiago Camargo. **Silêncios em discurso: Família, conflito e micropolítica em narrativas sobre a revelação da homossexualidade**. Sex., salud soc. (Rio J.);(33): 318-342, set.-dez. 2019.

Silva, José Carlos Pacheco da, Cardoso, Rodrigo Ribeiro, Cardoso, Ângela Maria Rosas, Programa de Pós-Graduação em Bioética Gonçalves, Renato Santos. **Diversidade sexual: uma leitura do impacto do estigma e discriminação na adolescência**. Ciênc. Saúde Colet. (Impr.);26(7): 2643-2652, jul. 2021. Graf

Silva, Welligton Magno da, Tondin, Celso Francisco, Queiroz, Isabela Saraiva de. **Experiências Familiares de Homens Gays: Cuidado e Proteção como Mecanismos de Manutenção da Heteronormatividade**. Estud. pesqui. psicol. (Impr.);21(4): 1395-1415, dez. 2021.